

Eleitorados e atitudes face à democracia

Uma nota de pesquisa

Franz-Wilhelm Heimer*

Resumo: Dando conta de alguns resultados de um inquérito à escala nacional realizado em 1988, o artigo analisa os "eleitorados nucleares" dos quatro maiores partidos políticos portugueses em termos das suas atitudes face à democracia. Constatando que, nestes termos, todos os quatro segmentos são heterogéneos, destaca, no entanto, diferenças muito significativas entre eles - em termos da adesão genérica ao regime democrático, da "referência antagónica" (regime autoritário-corporativista ou comunista), de atitudes em relação a aspectos específicos do regime democrático e da avaliação da democracia actual em Portugal. Globalmente, o "eleitorado nuclear" do PS evidencia-se como o "mais democrata", verificando-se um perfil muito semelhante no caso dos importantes segmentos que, em 1988, não expressavam qualquer preferência partidária.

Em relação à velha e sempre renovada controvérsia sobre a vocação das ciências sociais para a investigação "pura" *versus* "aplicada" ("útil"), a sociologia eleitoral tem sido, internacionalmente, um domínio caracterizado por uma forte ambivalência. Recorrendo a uma variedade de abordagens teóricas e a métodos cada vez mais sofisticados de recolha e análise de dados quantitativos, tanto tem procurado contribuir para a compreensão científica de dinâmicas e estruturas sociais quanto se tem posto ao serviço dos interesses e estratégias de actores políticos.

O presente estudo situa-se na primeira destas duas perspectivas. Elaborado no quadro de um projecto maior¹, o seu objectivo é o de contribuir, pela apresentação de dados empíricos, para o debate sobre a relação entre cultura política e comportamento político.

De acordo com a posição teórica subjacente ao projecto atrás mencionado, o conceito de cultura política designa o pensamento social (crenças, atitudes, esquemas de acção) sobre a esfera do político². A relevância deste projecto analítico tem frequentemente sido discutida em termos da sua contribuição para explicar os comportamentos políticos (as práticas políticas) dos actores sociais³. Sem negar à pertinência destes termos, a preocupação central do

* Professor do ISCTE, investigador no Arnold-Bergstraesser-Institut (ABI) de Freiburg/RFA e no CIES.

presente estudo é, no entanto, apenas a de examinar a concomitância entre uma dimensão constitutiva da cultura política contemporânea em Portugal, a saber, as atitudes face à democracia, e uma vertente central do comportamento político dos portugueses de hoje, ou seja, o seu comportamento eleitoral. O objectivo principal deste exercício é o de estabelecer algumas das características de segmentos importantes do eleitorado português. A base empírica da análise é fornecida por um inquérito por amostragem efectuado em Portugal Continental, em meados de 1988⁴.

- As atitudes dos portugueses face à democracia, captadas pelo inquérito em causa, têm sido examinadas em estudos anteriores⁵, cujos resultados mais salientes podem resumir-se da seguinte maneira:
- Pouco mais de metade das pessoas acusa uma adesão global ao regime democrático que se pode considerar como bastante nítida. Um terço manifesta uma adesão média e frequentemente condicional, enquanto que cerca de 15% se caracterizam por uma adesão nula (ou não significativa).
- A grande maioria das pessoas tem face à democracia uma atitude global fortemente condicionada pela referência aos regimes (tradicionalistas) comunistas ou aos regimes autoritários- corporativistas do tipo existente em Espanha e Portugal, até meados de setenta. Um terço vê a democracia predominantemente contraposta aos regimes comunistas, 40% vêem-na predominantemente contraposta aos regimes autoritários-corporativistas; os restantes não assumem posições muito marcadas num ou noutro sentido (ou acusam posições ambivalentes).
- Os valores fundamentais da democracia - liberdade, participação, justiça social, legitimidade do conflito, equilíbrio entre poderes - são aceites pela grande maioria das pessoas, mas apenas por cerca de 40% de forma claramente afirmativa.
- A avaliação global do regime democrático actualmente existente em Portugal é preponderantemente positiva: apenas a quarta parte dos respondentes se manifesta de forma negativa. No entanto, só 4% das pessoas acusam uma satisfação irrestrita, enquanto mais de dois terços expressam algumas ressalvas.
- Uma das "pedras de toque" para as atitudes face à democracia é o pensamento relativo às formas de representação política: 10% das pessoas são contra uma representação eleitoral e a favor de uma representação (neo-)corporativista (no sentido amplo que a ciência política confere a este conceito), 60% são a favor de uma combinação de ambas as formas, e 30% só aceitam a representação eleitoral. Por outro lado, 80% são a favor do multipartidarismo.
- No que diz respeito ao relacionamento entre os três órgãos centrais de soberania (Presidente da República, Governo, Assembleia da República), o pensamento dos inquiridos localiza-se, predominantemente, num

vector que expressa a ideia de um controle mútuo, particularmente de um controle do Governo pelos dois outros órgãos.

- Neste conjunto de variáveis, os eixos estruturantes mais significativos são os da atitude anti-comunista *versus* anti-fascista face à democracia: a última aparece como intimamente ligada a uma maior adesão à democracia enquanto regime, aos valores constitutivos da democracia, à representação eleitoral e ao controle mútuo entre órgãos de soberania; a primeira evidencia uma associação estreita apenas com uma avaliação positiva do actual regime democrático em Portugal.

O presente estudo parte destes resultados para investigar a conexão existente entre as atitudes acima focadas e um indicador central do comportamento eleitoral, a saber, as intenções de voto que adiante se apresentam.

1. As intenções de voto em meados de 1988

Em resposta ao ítem - apresentado no final do inquérito - que solicitava a indicação do partido em que votariam os respondentes se houvesse eleições parlamentares naquele dia⁶, os inquiridos fizeram as seguintes opções:

Quadro 1 Intenções de voto em meados de 1988

CDS	2.0%
PSD	28.0%
PRD	1.0%
PS	22.3%
PCP	4.2%
outros esquerda	0.7%
outros direita	0.1%
voto branco/nulo	1.7%
não votaria	4.2%
não sabe	22.4%
não responde	13.6%

Em face das sondagens de opinião publicados na imprensa, durante os primeiros meses do ano de 1988, esta distribuição corresponde bem no que respeita às preferências pelos diferentes partidos políticos, e afigura-se plausível nas proporções dos que recusaram a resposta, dos indecisos e dos que declaram não querer expressar qualquer preferência partidária⁷. A figura 1 permite visualizar melhor a maneira como se distribuíram as opções dos respondentes.

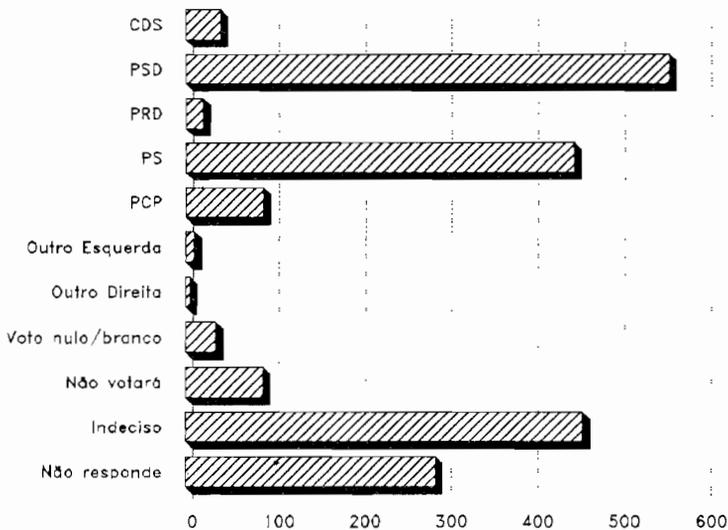


Figura 1 Intenção de voto em meados de 1988

Em passos sucessivos, estes segmentos serão aqui analisados sob os seguintes ângulos:

- primeiro (e sobretudo), o de uma caracterização dos eleitorados dos diferentes partidos, em termos das suas atitudes face à democracia (ponto 2);
- segundo, o de uma caracterização, nos mesmos termos, dos segmentos que não manifestaram nenhuma preferência partidária ("voto branco/nulo" etc.) (ponto 3.1);
- terceiro, o de uma comparação entre os dois grupos de segmentos (ponto 3.2).

Por razões de validade estatística, os segmentos que abrangem números muito reduzidos de casos serão ou agregados ou eliminados da análise. Assim, os "voto branco/nulo" e os "não votaria" passam a constituir, em conjunto, a categoria "abstenção" que abrange, portanto, todas as pessoas que declararam não querer votar em partido. São eliminados os segmentos "outros esquerda", "outros direita" e "PRD".

2. Caracterização do eleitorado dos principais partidos políticos

A análise dos segmentos cuja intenção de voto se reporta ao CDS, ao PSD, ao PS ou ao PCP terá de levar em consideração que uma alta proporção - um total

de 42% - do total dos respondentes não expressou a intenção de votar em qualquer partido político. Os que deram a conhecer a sua preferência partidária podem assim ser considerados como pertencendo, predominantemente, ao "eleitorado nuclear" (*core electorate*) ou "eleitorado estável" do respectivo partido. No quadro do presente estudo, é justamente este eleitorado que interessa examinar, uma vez que as características dos quatro segmentos serão, basicamente, as das parcelas do eleitorado que os partidos em causa conseguem mobilizar de forma habitual, na presente conjuntura histórica.

2.1. Atitudes genéricas face à democracia e outros regimes políticos

De importância fundamental são, no presente contexto, os itens do inquérito correspondentes às atitudes genéricas em relação aos regimes democrático, autoritário-corporativista e comunista. Estes itens permitem construir quatro medidas diferentes, das quais cada uma capta um aspecto específico.

A primeira medida é a da adesão global ao regime democrático, expressa por um posicionamento *prima facie* e pela reacção à hipótese de substituir a democracia por um regime ditatorial, numa situação de emergência⁸. A figura 2 evidencia a forma como as atitudes de uma adesão nula/fraca, de uma adesão média ou condicional e de uma adesão forte (que em geral não é totalmente incondicional) estão presentes nos "eleitorados nucleares" dos quatro partidos, embora em proporções bastante diversas.

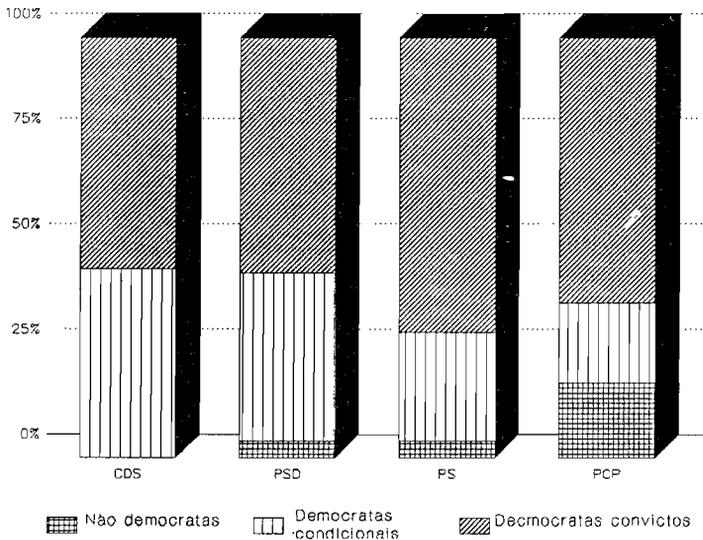


Figura 2 Preferência partidária em meados de 1988

De acordo com esta medida, cada um dos quatro segmentos do eleitorado compõe-se de fracções nitidamente diferentes. O eleitorado "mais democrático" é o do PS, com 70% de "democratas convictos" e apenas 3% de "não democratas". A estrutura do eleitorado do PSD é semelhante: os "não democratas" constituem 4%, mas os "democratas convictos" apenas 58%, havendo portanto uma parte algo maior de "democratas condicionais". No PCP verifica-se uma proporção significativa de "não democratas", de 15%, mas 65% assumem a posição de "democratas convictos". No CDS, a proporção dos "democratas convictos", de 56%, é praticamente idêntica à do PSD, não havendo "não democratas" - o que, possivelmente, terá a sua razão na reduzida dimensão numérica da correspondente fracção da amostra⁹.

Estes resultados são simultaneamente explicados e relativizados pelos obtidos por uma **segunda medida**, a saber, a da preferência pelo regime democrático *versus* os regimes autoritário-corporativista e comunista. A figura 3 apresenta a distribuição das preferências manifestadas¹⁰.

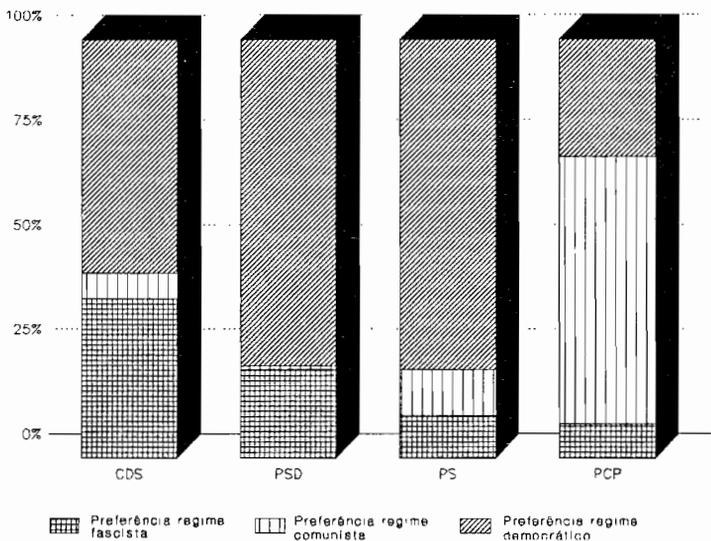


Figura 3 Preferência partidária em meados de 1988

A figura 3 torna patentes tanto as divisões profundas existentes em cada um dos quatro eleitorados quanto os perfis fortemente diferentes de partido para partido. A preferência pelo regime democrático ocupa praticamente a mesma proporção no caso do PS (80%) e do PSD (78%), sendo ainda bastante significativa no caso do CDS (57%), mas minoritária no caso do PCP (29%). Inversamente, é no CDS que a preferência pelo regime fascista (autoritário-corporativista) é relativamente mais forte (37%), seguido pelo PSD (20%), pelo PS (9%) e pelo PCP (6%). A preferência pelo regime comunista é maioritária

no caso do PCP (66%) e fortemente minoritária nos outros casos (PS 11%, PSD 1%, CDS 6%).

Deste modo, o PS conta, num eleitorado muito preponderantemente democrático, com duas minorias reduzidas e de sinal oposto. No PSD, as convicções democráticas são algo menos preponderantes, e existe (praticamente) uma só minoria, esta bastante significativa, com uma preferência pelo regime autoritário-corporativista. Uma distribuição (praticamente) dicotómica das mesmas atitudes observa-se também no CDS onde, porém, a minoria de pendor autoritário-corporativista é bastante mais forte do que no PSD. O eleitorado do PCP caracteriza-se, por sua vez, pela existência de uma significativa minoria que prefere o regime democrático ao regime comunista.

A comparação da figura 3 com a figura 2 sugere que as duas medidas captam duas dimensões que, no pensamento dos respondentes, são bastante distintas. A figura 3 parece revelar quais seriam as preferências das pessoas se a realidade do país lhes permitisse escolher entre os três regimes políticos em causa. Em contrapartida, a figura 2 indica a atitude face ao regime democrático assumida nas condições concretas prevalentes na década dos anos oitenta.

Esta leitura parece confirmada pela conexão existente entre a primeira e a segunda medida. A correspondente tabela de contingência¹¹ torna patente que 71% das pessoas que "preferem o regime democrático" são "democratas convictos", e 25% "democratas condicionais"; a distribuição é semelhante no caso das pessoas que "preferem o regime comunista", uma vez que 73% entre elas são "democratas convictos" e 17% "democratas condicionais"; em contrapartida, apenas 39% das pessoas que "preferem o regime autoritário-corporativista" são "democratas convictos", mas 57% são "democratas condicionais". Não há, portanto, dúvida de que as duas medidas captam dimensões diferentes do pensamento social sobre o político, provavelmente as duas acima sugeridas.

A conexão aqui referida ajuda, em particular, a compreender melhor os perfis dos eleitorados do CDS e do PCP, registados na figura 2: no CDS, a ausência de "não democratas" parece explicar-se não apenas pela razão técnica acima apontada, mas também pelo facto de a forte fracção de simpatizantes do regime autoritário-corporativista, presente neste segmento, ter chegado à conclusão que, em circunstâncias dadas, era preciso aceitar/apoiar o regime democrático (embora frequentemente o faça de forma pouco convicta); no PCP, verifica-se uma reacção semelhante, embora geralmente mais decidida (e provavelmente mais "disciplinada") dos que, no fundo, preferiam um regime comunista.

Uma **terceira medida** constitui uma combinação das duas primeiras e tenta estabelecer com maior segurança o grau de adesão ao regime democrático. A figura 4 apresenta os resultados que, de facto, "condensam" a informação contida nas figuras 2 e 3.

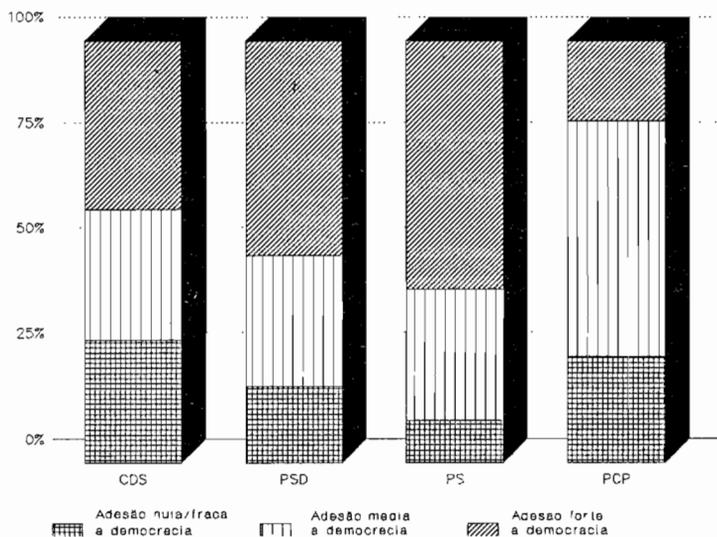


Figura 4 Preferência partidária em meados de 1988

A figura 4 mostra que a estrutura dos eleitorados do PSD e do PS é, a este nível de redução analítica, bastante semelhante, acusando ambas diferenças muito nítidas em relação aos do CDS e do PCP que, cada um à sua maneira, possuem um perfil *sui generis*. A análise confirma que o eleitorado do PS tem as "convicções democráticas" relativamente mais sólidas, com 59% de adesão forte e 10% de adesão nula/fraca, sendo as mesmas proporções, no eleitorado do PSD, de 52% e de 16%, respectivamente. No caso do CDS verifica-se, com 28%, a proporção mais alta de adesão nula/fraca, mas ao mesmo tempo uma fracção muito significativa, de 41%, com uma adesão forte. No caso do PCP, a parte da adesão nula/fraca é, com 25%, semelhante à do CDS, mas no PCP a adesão forte representa apenas 19%, cabendo a "parte do leão", de 56%, a uma adesão média¹². Todos estes resultados são facilmente "inteligíveis" em função não apenas da informação apresentada pelas figuras 2 e 3, como também da observação corrente.

A quarta medida dá conta do condicionamento incisivo, mencionado na introdução ao presente estudo, das perspectivas face à democracia pela referência (positiva ou, geralmente, negativa) a outros regimes políticos. A figura 5 apresenta a distribuição pelos eleitorados dos quatro partidos das atitudes anti-fascista, anti-comunista e ambivalente, verificadas em anteriores pesquisas¹³.

Mais uma vez, confirma-se a existência de fortes clivagens no seio de cada um dos eleitorados, e simultaneamente a de perfis diferentes de partido para partido. A nota dominante é o decréscimo, do CDS para o PCP, da perspectiva anti-comunista: representando uma maioria absoluta no CDS (58%) e uma maioria relativa no PSD (49%), ela é ainda expressiva no PS (26%), e pouco

significativa apenas no PCP (4%). Inversamente, a perspectiva anti-fascista é muito predominante no PCP (81%), e relativamente mais forte no PS (48%); no PSD (21%) e no CDS (28%) ocupa posições minoritárias significativas e bastante semelhantes. Cumpre assinalar que a proporção das pessoas sem perspectiva fortemente condicionada pela referência a outro regime é relativamente importante no PSD (30%) e no PS (27%), e muito menos significativa no CDS (15%) e no PCP (14%), cujos eleitorados são, portanto, mais polarizados a este respeito.

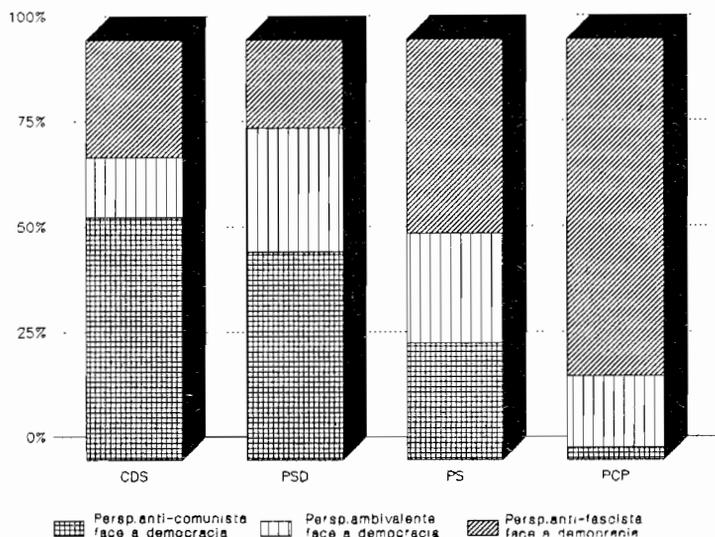


Figura 5 Preferência partidária em meados de 1988

Juntamente com a referente à figura 3, a distribuição aqui descrita contribuiu para estabelecer com maior precisão a dimensão subjectiva da tradicional localização dos partidos numa escala esquerda-direita¹⁴: nos eleitorados dos partidos de direita, a adesão à democracia é predominantemente condicionada pela referência (negativa) ao regime comunista, e nos eleitorados dos partidos de esquerda, pela referência (negativa) ao regime autoritário- corporativista (fascista). No presente contexto, esta acaba por ser, inclusive, a diferença mais nítida entre os eleitorados do PSD e do PS, numericamente de longe os mais importantes, cuja estrutura sobressaiu como relativamente semelhante nas análises que focaram a força e não a direcção da adesão à democracia¹⁵.

2.2. Atitudes em relação a aspectos específicos da democracia

Conforme ficou referido no início do presente trabalho, há tendências nítidas, no conjunto dos respondentes, em relação a uma série de aspectos substantivos ou processuais que podem ser considerados como constitutivos do regime democrático: atitudes relativas aos valores políticos da liberdade, participação, igualdade e bem-estar; aos princípios do equilíbrio entre poderes, da legitimidade do conflito político e da legitimação dos processos eleitorais; a estruturas fundamentais do multipartidarismo, de uma representação política (exclusiva ou preponderantemente) assente nos partidos e do *Welfare State*; a estilos políticos como os caracterizados pelo controle mútuo entre órgãos de soberania e pela moderação na actuação política. Estas tendências formam configurações altamente interessantes, reveladoras de vectores centrais do pensamento dos portugueses contemporâneos sobre o regime democrático¹⁶.

À partida poderiam ter sido esperadas diferenças mais ou menos nítidas entre os eleitorados dos quatro partidos, com respeito a todos estes aspectos. Ora, as análises realizadas mostram que não existe conexão estatisticamente significativa entre a preferência por um dos quatro partidos e nenhum dos aspectos em causa¹⁷. Não há, portanto, a este nível tendências que distingam um segmento do outro.

Tal facto pode, eventualmente, não surpreender muito quando se trata de valores e princípios, possivelmente considerados como "abstractos" por boa parte dos inquiridos. O mesmo já não sucede quando estão em causa opções mais concretas, tais como as referentes ao *Welfare State*, às relações entre órgãos de soberania e às formas de representação política. Ora, tão pouco estas opções são o objecto de reacções significativamente diferentes de um segmento para o outro.

A explicação da ausência de clivagens a este nível parece residir numa realidade ilustrada pelo ponto 2.1., a saber, o facto de os eleitorados de todos os partidos serem bastante heterogêneos relativamente às suas atitudes genéricas face à democracia. Como foi referido no início do estudo, estas atitudes genéricas acusam conexões muito diferenciadas e às vezes opostas com as atitudes mais específicas focadas no presente ponto. Afigura-se, portanto, plausível que a presença de atitudes genéricas diversas, e até contraditórias em cada eleitorado, não permita que estes segmentos acusem tendências globais em relação às atitudes específicas. Por outras palavras: não é a pertença ao "eleitorado nuclear" de um dado partido que implica conexões substantivas com as atitudes específicas em foco, mas sim a adesão a dadas atitudes genéricas.

Existe, porém, uma excepção bastante significativa neste contexto. Entre os valores fundamentais da democracia conta-se, inequivocamente, o da participação política. No inquérito, a importância dada pelos respondentes a este valor foi medida, por dois itens que o opunham à eficácia da "gestão política" por "élites" tidas como especialmente competentes. Ora, os eleitorados dos quatro partidos acusam a este respeito as atitudes nitidamente distintas expostas pela figura 6.

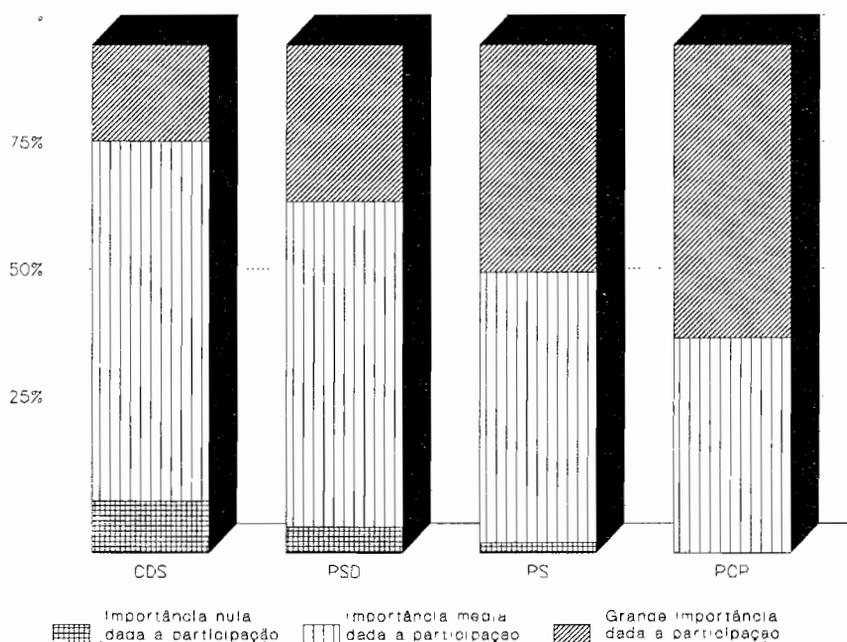


Fig. 6 Preferência partidária em meados de 1988

Do mesmo modo como a figura 5, a figura 6 pode ser lida como uma especificação - em termos da dimensão subjectiva - do significado da escala direita-esquerda. Com efeito, a proporção dos que atribuem uma grande importância à participação política sobe linearmente dos 19% no CDS até aos 57% no PCP, passando pelos 33% no PSD e os 47% no PS. Inversamente, os que não dão qualquer valor à participação constituem 9% no CDS, 5% no PSD, 3% no PS e 0% no PCP. E o mesmo movimento observa-se em relação aos que dão à participação uma importância apenas limitada: constituindo 72% no CDS, representam 63% no PSD, 52% no PS e 43% no PCP.

2.3. Avaliação do actual regime democrático em Portugal

A interpretação acima ensaiada é de certo modo confirmada a partir de uma outra atitude de índole genérica, a saber, a avaliação global da forma como o regime democrático tem vindo a concretizar-se no Portugal de hoje. A figura 7 evidencia a este respeito uma distribuição perfeitamente condizente com algumas das apresentadas no ponto 2.1..

A insatisfação com a democracia actual é praticamente idêntica (3% e 4%, respectivamente) no CDS e no PSD, subindo ligeiramente no PS (6%) e

ocupando um lugar de destaque (21%) no PCP. Com 78%, a atitude de bastante satisfação é algo mais frequente no PSD do que no CDS (74%), descendo significativamente no caso do PS (66%) e ainda mais no caso do PCP (45%)¹⁹. Estamos, portanto, em face de perfis que - à semelhança do ilustrado pelas figuras 5 e 6 - acusam uma sintonia global com a escala direita-esquerda, o que em parte deve, possivelmente, ser interpretado como reflexo do momento histórico em que se realizou o inquérito (advento do 2º Governo Cavaco Silva).

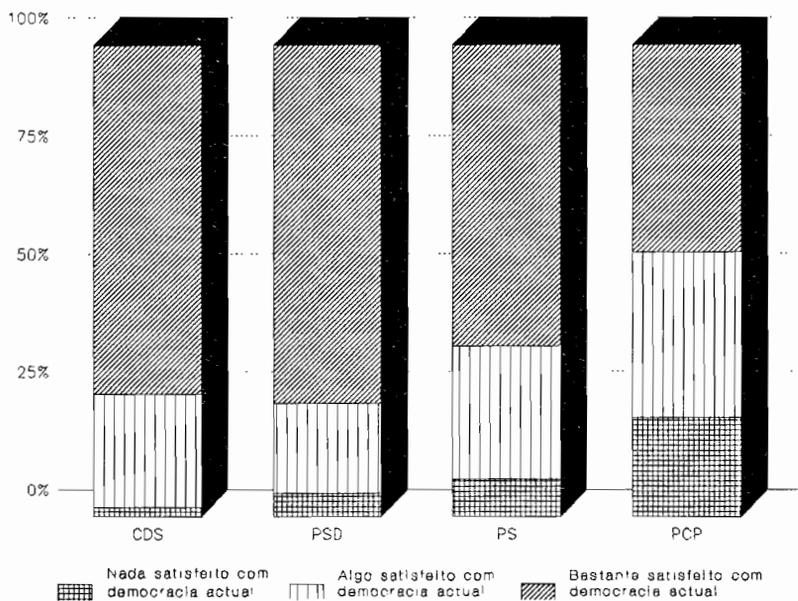


Figura 7 Preferência partidária em meados de 1988

2.4. Conclusões

Os dados atrás apresentados permitem formular hipóteses quanto ao "perfil" do eleitorado nuclear dos quatro partidos.

A mais importante é, sem dúvida, a de que, em termos das atitudes face à democracia, nenhum dos quatro partidos dispõe de um eleitorado nuclear homogéneo. As profundas clivagens evidenciadas pelas análises do eleitorado no seu conjunto, referidas no início do estudo, atravessam cada um dos segmentos afectos aos quatro partidos, ocasionalmente de forma bastante surpreendente. Cada eleitorado nuclear aparece, portanto, como abrangendo, nos termos aqui adoptados, uma pluralidade de tendências (às vezes contraditórias).

Verificam-se, porém, de partido para partido, diferenças muito significativas quanto à distribuição, no seio do respectivo eleitorado, das atitudes face à

democracia. Estas diferenças manifestam-se, essencialmente, a nível das atitudes de natureza genérica - quer na aceitação/rejeição dos regimes democráticos *versus* comunista e autoritário-corporativista, quer na avaliação da *performance* do actual regime democrático no país. A este nível, cada um dos quatro eleitorados acaba por evidenciar um perfil próprio, claramente distinto dos outros.

O mesmo não sucede a nível das atitudes referidas a aspectos específicos da democracia cuja distribuição acusa apenas num caso diferenças estatisticamente significativas de segmento para segmento.

Com base nestes resultados, são as seguintes as características dos quatro segmentos:

- No eleitorado do PS, a adesão genérica ao regime democrático é a mais marcada. A perspectiva anti-fascista é mais forte do que a anti-comunista, e a quarta parte não tem, nestes termos, uma posição muito nítida. Há uma atitude bastante favorável à participação política. A avaliação da *performance* do regime democrático actual é maioritariamente positiva, embora com reservas manifestas.
- Em termos da adesão genérica ao regime democrático, o eleitorado do PSD encontra-se muito próximo do eleitorado do PS, mas as referências aos dois outros regimes têm uma importância exactamente inversa. Esta última tendência é acompanhada por uma menor importância dada à participação política e por uma avaliação algo mais positiva da *performance* do actual regime.
- No eleitorado do CDS, a adesão genérica ao regime democrático é significativamente menos pronunciada do que nos dois casos até aqui examinados, manifestando mais de um terço uma preferência pelo regime autoritário-fascista. A perspectiva anti-comunista ocupa um espaço ainda maior do que no caso do PSD, a importância dada à participação é ainda menor, e a avaliação da *performance* da actual democracia em Portugal ainda mais positiva.
- A adesão genérica do eleitorado do PCP ao regime democrático é ainda mais fraca, com dois terços a preferir um regime comunista (mas com um quarto a preferir a democracia). Em mais de 80%, a perspectiva dominante é anti-fascista. A importância dada à participação política é a maior dos quatro eleitorados, e a avaliação da *performance* da democracia actual a mais negativa.

3. Caracterização dos segmentos sem preferência partidária expressa

O exame dos segmentos que não expressaram qualquer preferência partidária não se faz, evidentemente, no mesmo título que o dos segmentos atrás analisa-

dos. Com efeito, não parecem existir argumentos teóricos ou empíricos para conferir aos grupos que, em meados de 1988, optaram pela abstenção, estiveram indecisos ou não quiseram dar a conhecer as suas preferências partidárias, um carácter sedimentado (duradouro) análogo ao acima postulado para os segmentos afectos a determinados partidos. Uma vez que as pessoas sem preferência partidária expressa somaram quase metade dos inquiridos e constituem o eleitorado de cujas tendências dependerão futuras maiorias, interessa, porém, verificar se as suas atitudes face à democracia acusam configurações de algum modo específicas.

Para este efeito analisam-se primeiro as eventuais diferenças que a este nível possam existir entre os três segmentos, e segundo, as diferenças entre o conjunto dos três segmentos e o conjunto dos que expressaram preferências partidárias.

3.1. Diferenças entre os três segmentos

Surpreendentemente ou não, os três segmentos dos eleitores que não expressam qualquer preferência partidária acusam perfis extraordinariamente semelhantes quanto às atitudes face à democracia. Não existem entre eles diferenças estatisticamente significativas em relação às variáveis atitudinais acima introduzidas, havendo apenas duas excepções.

A primeira diz respeito à opção pelo mono ou pluripartidarismo e é ilustrada pela figura 8

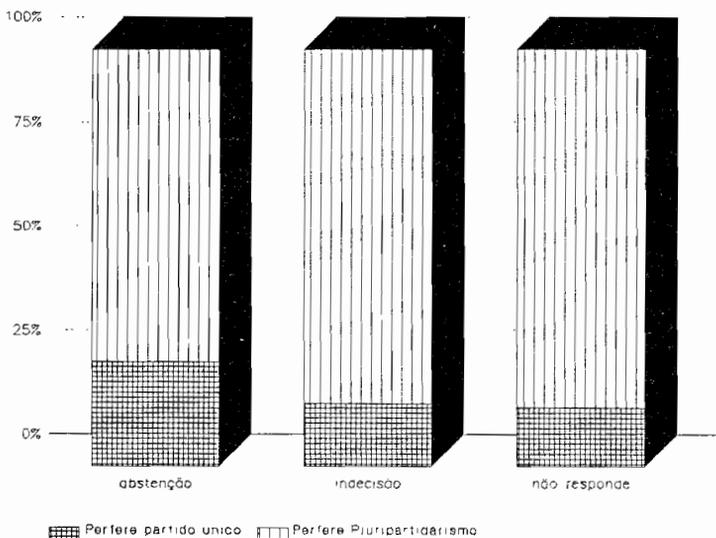


Fig. 8 Intenção de voto sem preferência de partido

O segmento das pessoas que declaram querer abster-se, distingue-se dos dois outros pelo facto de incluir uma proporção relativamente alta (de 24%, contra 13% e 12%, respectivamente) de apoiantes de um monopartidarismo²⁰. Esta conexão é "lógica" na medida em que tanto a abstenção quanto a rejeição do pluripartidarismo são expressões de uma insatisfação com o regime político actual.

No mesmo sentido vai a segunda excepção, referente à avaliação global da *performance* da democracia em Portugal.

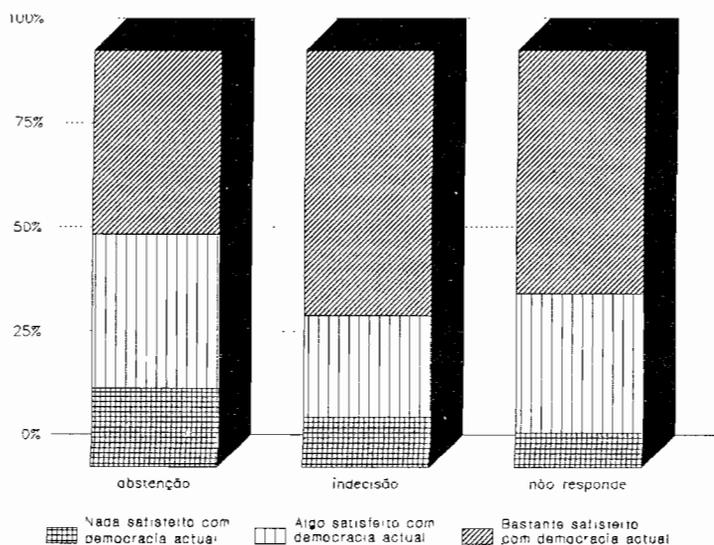


Figura 9 Intenção de voto sem preferência de partido

A figura 9, mostra que o segmento das pessoas que preferem abster-se compreende a proporção mais alta de insatisfeitos (18%, contra 11% e 8%, respectivamente), e a mais baixa de bastante satisfeitos (44%, contra 65% e 55%, respectivamente). O segmento dos indecisos distingue-se dos dois outros por uma proporção menor de posições intermediárias (24%, contra 38% em ambos os outros segmentos)²¹.

As diferenças entre os três segmentos reduzem-se, portanto, a uma insatisfação algo maior com o regime democrático, da parte do segmento "abstenção". Como mesmo estas diferenças são de alcance muito limitado, os resultados empíricos acabam por sublinhar não apenas a legitimidade, mas também a conveniência em comparar o conjunto dos três segmentos com o conjunto dos segmentos analisados na parte 2.

3.2. Especificidades dos respondentes que não expressaram uma preferência partidária

Tomadas no seu conjunto, as pessoas que não expressaram uma preferência partidária acusam, em relação aos declaradamente afectos a determinados partidos políticos, algumas diferenças que, sem serem incisivas, não deixam de ser relevantes.

Uma primeira diferença aparece logo em relação à primeira das medidas de adesão genérica ao regime democrático, referida no ponto 2.1.

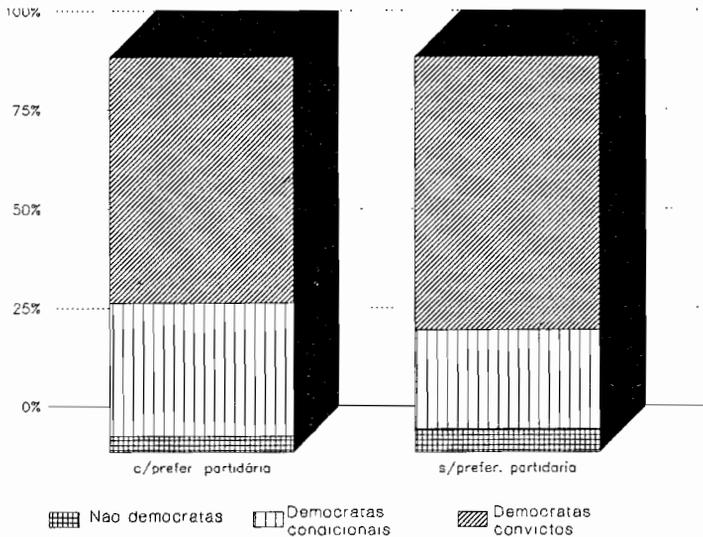


Figura 10 Intenção de voto em 1988

A figura 10 mostra que, de acordo com esta medida, as pessoas sem preferência partidária expressa são ligeiramente "mais democratas"; o seu perfil é muito semelhante ao do eleitorado nuclear do PS²².

Uma diferença deste tipo não aparece, porém, nem em relação à preferência por determinados regimes políticos, nem em relação à medida combinada de adesão à democracia.

Em contrapartida, há uma diferença muito significativa em relação à perspectiva que se assume face ao regime democrático.

Como evidência a figura 11, o segmento sem preferência partidária expressa inclui uma proporção mais alta com perspectiva anti-fascista e a mais baixa com perspectiva anti-comunista; novamente fica a grande semelhança com o eleitorado do PS²³.

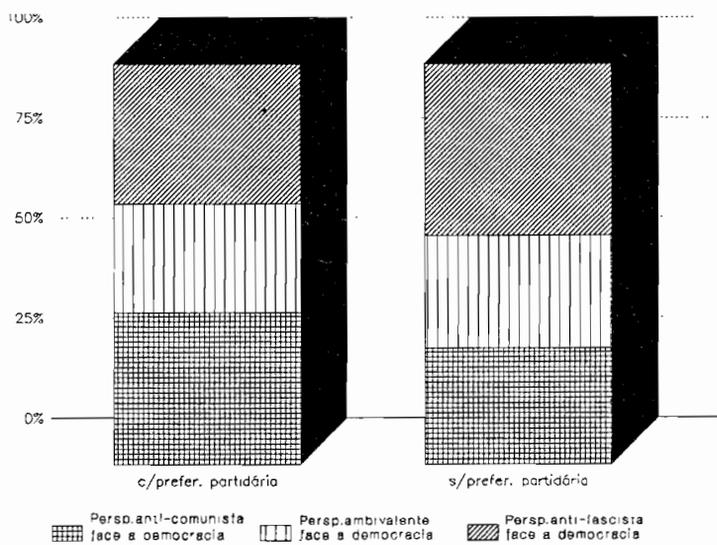


Figura 11 Intenção de voto em meados de 1988

Uma das atitudes específicas que, nas análises globais, se encontram associadas às perspectivas anti-comunistas *versus* anti-fascista, emerge também como diferenciadora dos dois grandes conjuntos de segmentos aqui examinados

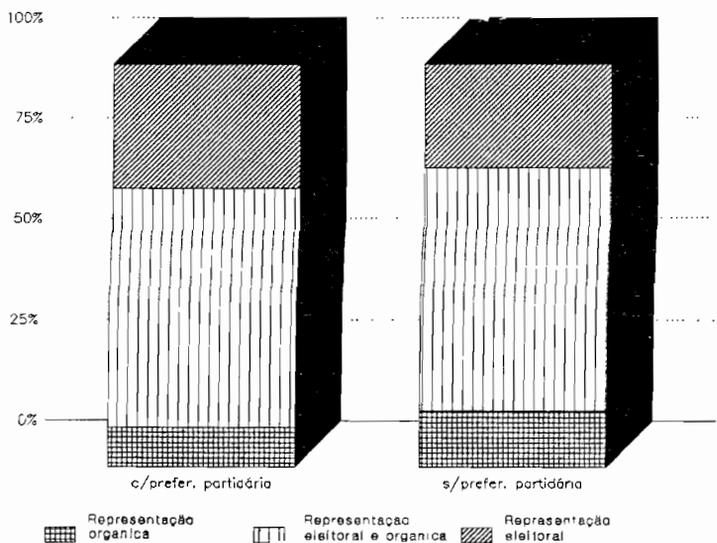


Figura 12 Intenção de voto em meados de 1988

A figura 12, ilustra uma propensão ligeiramente menos favorável à representação eleitoral, por parte das pessoas que não expressaram qualquer preferência partidária - o que é plausível, mas contrário à conexão global em causa²⁴.

Em contrapartida, uma outra atitude, acima identificada como associada à escala direita-esquerda, não apenas distingue os dois segmentos, como confirma a tendência "mais à esquerda" dos que não expressaram qualquer preferência partidária.

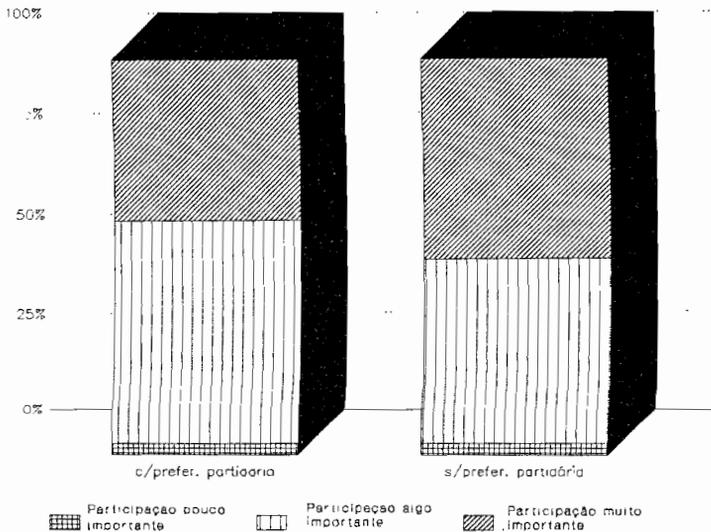


Figura 13 Intenção de voto em meados de 1988

A figura 13, mostra que o segmento "sem preferência partidária" atribui à participação política uma importância algo maior do que o outro segmento²⁵, acusando a este respeito um perfil praticamente idêntico ao do eleitorado nuclear do PS.

Finalmente, as análises põem em evidência uma diferença nítida quanto à satisfação com a democracia actual no país.

A figura 14 ilustra que a satisfação com a *performance* do regime actual é menor entre as pessoas sem preferência partidária expressa²⁶ do que no conjunto dos eleitorados nucleares dos partidos. Uma comparação com a figura 7 evidencia que a correspondente distribuição de frequência, sendo bastante semelhante à do eleitorado do PS, acentua ainda mais as ressalvas.

3.3. Conclusões

Em termos das suas atitudes face à democracia, os três segmentos constituídos por pessoas que, por um motivo ou outro, não expressaram qualquer preferência partidária, apresentam-se atravessados por profundas clivagens, acusando poucas diferenças entre eles.

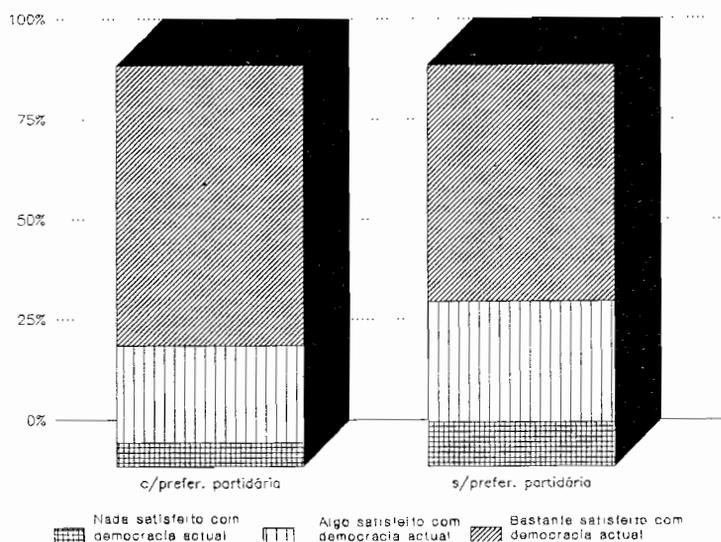


Figura 14 Intenção de voto em meados de 1988

Nos mesmos termos existem, porém, diferenças significativas entre o conjunto destes segmentos e o total das pessoas com preferência partidária expressa. Os dados apontam no sentido de um eleitorado (por mobilizar) cujo posicionamento face à democracia é muito próximo do verificado no caso do eleitorado nuclear do PS (atitude genérica face ao regime, perspectiva adoptada, atitude relativa à participação política, satisfação com a democracia actual), destoando deste quadro apenas um menor empenho na representação política eleitoral.

Estes resultados apontam, por um lado, para um carácter relativamente conjuntural de cada um dos três segmentos. Por outro lado sugerem, no entanto, a existência, em 1988, de um eleitorado não (ou não claramente) afecto aos diferentes partidos, cujo perfil estava surpreendentemente próximo do perfil do eleitorado nuclear de um dos partidos, o PS.

4. Observações finais

As presentes notas propuseram-se trazer para o debate alguns elementos, resultantes de uma investigação em curso, que permitem dar respostas mais diferenciadas à questão das atitudes dos portugueses face à democracia, examinando os perfis que acusam, a este respeito, os segmentos mais importantes do eleitorado.

Para além de uma grande heterogeneidade de praticamente todos os segmentos, o resultado central parece ser a confirmação da dimensão direita-esquerda, em termos do posicionamento face à democracia. Esta dimensão evidencia uma correlação não inteiramente linear com a força da adesão ao regime democrático, já que este último critério levaria a ordenar os diferentes eleitorados na seguinte escala: PS, sem preferência partidária expressa, PSD, CDS/PCP²⁷.

Notas

- 1 Trata-se do projecto "Cultura política em Portugal desde 1974", dirigido pelo autor. O projecto constitui uma iniciativa comum do ABI e do CIES, apoiada pela Volkswagen-Stiftung.
- 2 Veja Franz-Wilhelm Heimer, Jorge Vala, José Manuel Leite Viegas, "Cultura política: uma leitura interdisciplinar", *Sociologia Problemas e práticas*, 8, 1990, pp. 3-28.
- 3 Veja David Elkins & Richard Simeon, "A cause in search of its effect, or: What does political culture explain?", *Comparative Politics*, 11(2) 1979, pp. 127-145.
- 4 O inquérito baseou-se numa amostra estratificada de 2000 indivíduos, representativa da população de Portugal Continental, dos 18 aos 70 anos de idade.
- 5 Veja Franz-Wilhelm Heimer, Jorge Vala, José Manuel Leite, "Padrões de cultura política em Portugal contemporâneo: atitudes face à democracia", *Análise Social*, nº 105, 1990; e Franz-Wilhelm Heimer, "Atitudes face à democracia no Portugal de hoje", *Revista de Ciência Política*, 7, 1990 (no prelo).
- 6 Em sociologia eleitoral sabe-se que a "declaração de intenção" obtida por este tipo de ítem nunca corresponde totalmente ao voto efectivo. No contexto do presente estudo, parece, no entanto, legítimo aceitá-la como indicador da preferência partidária existente no momento do inquérito, e, por conseguinte, como critério de delimitação do potencial eleitorado dos diferentes partidos.
- 7 Não se pode excluir que uma parte dos "não sabe" expressa, na realidade, não uma indecisão, mas uma recusa de responder à pergunta.
- 8 Veja os pormenores em Franz-Wilhelm Heimer, *op. cit.* (nota 5).
- 9 A tabela de contingência subjacente à figura 2 é significativa ao nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.20$). - Na figura 2 e seguintes mostram-se sempre as distribuições percentuais em cada segmento, independentemente do peso do segmento na amostra (que se depreende da tabela 1 e figura 1).
- 10 A figura 3 reflecte uma tabela de contingência significativa a um nível de $P = p.pppp$ ($CC = 0.49$). Veja os pormenores em Franz-Wilhelm Heimer, *op. cit.* (nota 5).
- 11 A correspondente tabela de contingência é significativa ao nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.26$).
- 12 A figura 4, baseia-se numa tabela de contingência cujo nível de significância é de $P = 0.0000$ ($CC = 0.21$).
- 13 Sobre o significado das perspectivas aqui focadas veja ambas as referências citadas na nota 5. - A tabela de contingência subjacente à figura 4 é significativa a um nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.37$).

- 14 A relevância desta dimensão é posta em relevo em José Manuel Durão Barroso & Jonas Condormines. "A dimensão esquerda-direita e a competição entre partidos políticos na Europa do Sul (Portugal, Espanha e Grécia)", *Revista de Ciência Política*, 1, 1985, pp. 35-60.
- 15 O ordenamento dos quatro partidos numa escala direita-esquerda é adicionalmente "validada" pelas respostas a um item do inquérito que solicitava uma "auto-localização" dos inquiridos numa escala esquerda-direita, de seis valores. Estas respostas acusam uma correlação linear forte e muito significativa ($r = -0.70$, $P = 0.0000$) com a intenção de votar nos quatro partidos (sequência CDS-PSD-PS-PCP). No eleitorado do CDS, 95% autopoicionam-se à direita, no do PSD, 88%; inversamente, 82% do eleitorado do PS e 95% do eleitorado do PCP autopoicionam-se à esquerda. Ocorre, portanto, um "salto qualitativo" na passagem do PSD para o PS.
- 16 Estas constelações são o objecto de Franz-Wilhelm Heimer, José Manuel Leite Viegas, Madalena Nunes Andrade. "Regime transition and consolidation in Portugal: The subjective dimension", comunicação à sessão "Regime Consolidation" do Comité de Investigação em Sociologia Política, 12º Congresso Mundial de Sociologia, Madrid, Julho de 1990.
- 17 Todas as tabelas de contingência incidentes neste contexto têm um $P = 0.1$.
- 18 A tabela de contingência subjacente à figura 6 é significativa a um nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.19$).
- 19 A tabela de contingência subjacente à figura 7 é significativa a um nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.23$).
- 20 A tabela de contingência subjacente à figura 8 é significativa a um nível de $P = 0.001$ ($CC = 0.11$).
- 21 A tabela de contingência subjacente à figura 9 é significativa a um nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.18$).
- 22 A tabela de contingência subjacente à figura 10 é significativa a um nível de $P = 0.05$ ($CC = 0.08$).
- 23 A tabela de contingência subjacente à figura 11 é significativa a um nível de $P = 0.001$ ($CC = 0.10$).
- 24 A tabela de contingência subjacente à figura 12 é significativa a um nível de $P = 0.01$ ($CC = 0.08$).
- 25 A tabela de contingência subjacente à figura 13 é significativa a um nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.11$).
- 26 A tabela de contingência subjacente à figura 14 é significativa a um nível de $P = 0.0000$ ($CC = 0.13$).
- 27 Pode referir-se que tais conclusões são confirmadas, quanto à dimensão direita-esquerda, por uma regressão múltipla realizada com o intuito de verificar em que medida as diferentes atitudes face à democracia, na sua qualidade de vertentes da cultura política, "explicam" ("determinam") a pertença aos diferentes eleitorados. Os resultados desta análise mostram que a pertença aos quatro eleitorados nucleares é "explicada", na proporção muito apreciável de 21%, por um conjunto de quatro atitudes: perspectiva do posicionamento (anti-fascista *versus* anti-comunista) face à democracia, importância atribuída à participação política, avaliação da democracia actual e adesão genérica ao regime democrático (nesta ordem). Em contrapartida, a expressão ou não de uma preferência partidária é "explicada" em apenas 2% por três atitudes: avaliação da democracia actual, preferência quanto à representação eleitoral e adesão genérica ao regime democrático.